

Meu pai é uma diarista: Discussão étnico-racial, de classe e de gênero no cinema francês

Roberto Jardim da Silva¹

Resumo: O objetivo desse trabalho é fazer uma análise do filme francês *Mon Père est femme de ménage*, de Saphia Azzedine (2011), buscando problematizar as relações étnico-raciais vividas por adolescentes da periferia de Paris. O filme não tem tradução para o português porque não foi lançado no Brasil e nem em outro país lusófono. Assim, uma tradução mais aproximada do seu título, do francês para o português, seria “Meu pai é uma diarista”. A trama dá margem a uma discussão de classe social e de gênero mas o foco maior será sobre questão étnico-racial, uma vez que a França do século XX torna-se um país visivelmente multirracial. Tal fato faz com que o outro, historicamente estudado pela França nos continentes Americano e Africano, possa ser estudado dentro de casa. Na análise busca-se também evidenciar como as relações étnico-raciais entre os alunos na escola, são reproduções das relações estabelecidas no mundo adulto. Para se discutir a assimilação da cultura francesa foi usado o pensamento de Fanon. E para pensar o racismo como instrumento de neutralização da capacidade de iniciativa histórica dos sujeitos, foram usados os pensamentos de Gilroy e de Knolo.

Palavras chave: Raça e etnia. Estereótipo. Assimilação.

1 Mestre em sociologia, pela Universidade Federal do Paraná; membro do conselho editorial da revista Sociologias Plurais da pós-graduação da Universidade Federal do Paraná e membro no Núcleo de estudos afro-brasileiros da UFPR. robertojardindasilva@ibest.com.br.

Abstract: The aim of this study is to analyze the film *Mon Père est femme de ménage* of Saphia Azzedine (2011), seeking to confront the ethnic-racial relations experienced by adolescents from the outskirts of Paris. The film has no translation into Portuguese because it was not released in Brazil and Portuguese-speaking country or in another. Thus, a closer translation of its title is "My father is a day laborer." The plot margin to a discussion of social class and gender but greater focus on ethno racial issue, since the twentieth century France becomes a visibly multiracial country. This fact causes the other, studying historically by France in America and Africa, can be studied at home. The analysis also seeks to show how the relationship between racial-ethnic students in school, are reproductions of established relationships in the adult world. To discuss the assimilation of French culture was used the thought of Fanon. And to think of racism as a tool to neutralize the ability of historic initiative of individuals, were used the thoughts of Gilroy and Knolo.

Keywords: Race and ethnicity. Stereotype. Assimilation.

Introdução

A França é um país muito conhecido pela sua influência cultural e filosófica no mundo ocidental e por ser um dos países do mundo mais visitados por turistas. Mas pouco se conhece sobre a constituição de sua população e sobre o cidadão comum francês. A ideia que muitos podem ter da sociedade francesa é a de um país congelado no século XVIII, em que toda a sua população é homogênia étnico racialmente.

Mas o que é importante saber é que nos séculos XIX e XX, a população francesa, sobretudo a de Paris, passou por mudanças significativas na sua configuração étnica, devido a vários fatores históricos, tais como: seu processo de industrialização, as duas Guerras Mundiais e o processo de imigração. Assim a sua população tornou-se diversa etnicamente; e isso acabou gerando alguns conflitos raciais, xenofobia e a marginalização de alguns grupos étnicos, dados os diferentes graus de assimilação que cada etnia teve. O objetivo desse trabalho é fazer uma análise do filme *Mon père est femme de ménage*, buscando compreender como se dão as relações étnico-raciais na sociedade francesa.

O filme trata de uma comédia francesa escrita e dirigida pela franco-marroquina Saphia Azzedine em 2011. O filme é uma adaptação de seu romance, com mesmo nome, publicado em 2009. Polo, personagem principal do filme (interpretado por Jérémie Duval) é um adolescente que vive em uma família pobre da periferia de Paris. Ele vivencia todos os problemas e complexos que um jovem de sua idade poderia ter. Sua mãe é doente e passa todo o dia em cima de uma cama assistindo a programas de televisão, e sua irmã maior só pensa em estética e no seu futuro como *Miss France*. Seu pai é a única pessoa que Polo tem como referência, mas o problema é que ele trabalha como faxineiro, o que coloca em situações desconfortáveis uma vez que se está em uma sociedade de consumo do século XXI, onde o que se faz

como trabalho define quem cada um é socialmente. O garoto estuda em uma escola de periferia e seus melhores amigos são todos de etnias estigmatizadas e discriminadas na França: negros, árabes e judeus. Entre as etnias que compõem a periferia francesa essas três estão no foco da análise.

Na primeira parte do artigo, são apresentadas as transformações geográficas e étnicas pelas quais a França passou entre a segunda metade do século XIX e o durante todo o século XX. Nesse período, ocorreu a imigração na França, que recebeu europeus num primeiro momento e num segundo momento, recebeu habitantes das colônias francesas a partir do período entre guerras. Ressalta-se também o nascimento e/ou alargamento da periferia de Paris como consequência desse inchaço urbano.

Na segunda parte é tratada a questão identitária como resultado do processo de assimilação da cultura francesa pelos descendentes de imigrantes, evidenciada no manejo do idioma, sendo esses franceses divididos em dois grupos: os que falam bem a língua francesa e os que propositalmente não falam bem.

Na terceira parte entra-se de fato na análise do filme buscando através das diferentes cenas, evidenciar as nuances que mostram como as relações étnico-raciais se dão na França, bem como a forma como os franceses de etnias discriminadas lidam com esse estereótipo e, como formas de pensar vão sendo naturalizadas desde o período escolar no

que concerne ao lugar que cada grupo étnico ocupa na sociedade francesa ao se tornarem adultos. Embora o foco da análise sejam relações étnico-raciais, o filme contém também uma discussão sobre classe social e gênero que não podem deixar de ser ao menos evidenciados e comentados, pois o que torna as análises atuais mais completas é justamente o olhar atento a todas as diminuições do objeto em questão.

Transformações na configuração geográfica e étnica da França entre o século xix e o século xx

Formação geográfica de Paris

Uma vez que a história evidenciada em *Mon père est une femme de ménage*, acontece na Periferia de Paris e, em se tratando de um país que só é conhecido em muitas partes do mundo, apenas pelos seus pontos turísticos, que estão no centro da vida econômica, social e política e geográfica da cidade, é importante primeiramente, antes de analisar este filme, localizar étnica e geograficamente o lugar onde convivem os personagens da trama e compreender como se formou etnicamente esta cidade.

Paris, capital da França, é a maior e mais importante cidade do país e possui uma população de 2 243 833 habitantes. A região

metropolitana de Paris é chamada de *banlieue*, que é 4 ou 5 vezes maior que ela em termos demográficos, somando uma população de 12 223 100 habitantes. Uma das características mais interessantes das *banlieues* de Paris é o fato de que em cada uma delas habita majoritariamente um grupo étnico diferente. Existe a *banlieue* dos chineses, dos latinos, dos portugueses, dos italianos, dos espanhóis, dos descendentes das ex-colônias asiáticas, indianas e africanas (da África negra e argelinos, marroquinos, etc.) As *banlieues* são consequências do inchaço demográfico de Paris (ACHRAFIEH, 2007, p. 02). E esse crescimento demográfico se dá em grande medida devido à imigração pela qual passou a França, sobretudo no século XX.

Imigração na França, o outro agora dentro de casa

A constituição a população francesa passou por diversas modificações, sobretudo no século XX. Entre a segunda metade do século XIX e durante todo o século XX esse país recebeu um número considerável de imigrantes, o que tornou sua população mais diversa étnica, cultural e religiosamente. Tal acontecimento contrapõe-se ao fato da França possuir um modelo Republicano laico, fechado e assimilacionista, o que gera alguns conflitos, sobretudo de identidade entre as diversas etnias que formam o país.

Quando se fala de imigração se remete normalmente ao continente Americano, pois é sabido que, entre o fim do século XIX e o começo do Século XX, houve uma onda de imigração majoritariamente europeia para esse continente. Mas embora a França seja mais conhecida internacionalmente por seus pontos turísticos que pelos seus mais de 100 anos de história de imigração, ela é um país de imigrantes. Inclusive, proporcionalmente ao seu número de habitantes, a França tornou-se o primeiro país de imigração do mundo, sobretudo nos anos 1920 com o *boom* da imigração. (MUZARD, 2004, p. 8)

O processo migratório francês pode ser dividido em 3 fases. A primeira pode ser data de 1851 a 1870, quando a França passava pela revolução industrial. Nesse período ela necessitava de mão de obra para compor a classe operária e habitantes de países vizinhos emigraram para este país a fim de trabalhar. Nessa primeira fase a imigração foi maciçamente composta por italianos, que foram os primeiros grupos étnicos a migrar para a França,² e por suíços. Pode-se dizer então que a primeira fase da imigração neste país foi etnicamente europeia.

2 BLANCHETON, Bertrand, SCARABELLO, Jérôme, "**L'immigration italienne en France entre 1870 et 1914**", *Working Papers of GREThA*, n°2010-13, 2010, Disponível em : <http://ideas.repec.org/p/grt/wpegrt/2010-13.html>. Acesso em: 04 de agosto de 2013: "A Itália conheceu até as vésperas da Primeira Guerra Mundial um crescimento demográfico dinâmico sem ser particularmente excessivo, uma vez que ela está próxima da média dos países da Europa do Oeste. Mas suas estruturas agrárias tradicionais não lhe permitiam absorver o crescimento da população originada de sua revolução demográfica. A Imigração aparece como uma resposta à insuficiência de subsistências e um meio de escapar da pobreza. Entre 1815 e 1914 cerca de 16

A segunda fase da imigração na França se deu entre a Primeira e a Segunda guerras mundiais. É interessante frisar que no começo do século XIX a taxa de natalidade francesa cai bastante. “Este país tinha cerca de 36,9 milhões de habitantes em 1870, 39,6 milhões em 1911. De 1900 a 1911, o número de nascimento era bem inferior ao numero de mortes.” (MUZARD, 2004, p.4) Nesse período, além da mão-de-obra italiana e suíça, foram acionadas também a forças de trabalho belga e a espanhola. A mão-de-obra das colônias da África do Norte e da Indochina também foi recrutada nessa fase; e, estes últimos executavam os trabalhos mais perigosos. Outra situação que trouxe os imigrantes para a França foi a necessidade de formar tropas de soldados para a luta nas guerras mundiais. Para formar essas tropas, o país trouxe então homens das colônias do Senegal, Alegria e china.

A terceira fase da imigração na França começa depois da Segunda Guerra Mundial. Pois terminada a guerra era necessário reconstruir o país, mas a os combates haviam causado muitas perdas humanas, comprometendo a mão-de-obra francesa. Assim, a França convoca novamente a mão-de-obra estrangeira para tal tarefa. Nesse período a imigração não aumenta muito, porém concentra se na sua maioria, em um grupo étnico específico, os *magrebes*³ (MUZARD,

milhões de italianos emigram (o país tinha 18 milhões de habitantes em 1815 e 36,9 milhões em 1911). (Tradução minha)

³ *Magrebe* corresponde à parte ocidental do mundo árabe, que corresponde ao espaço cultural árabe berbere. Compreende o Oceano Atlântico, o Mediterrâneo, o Saara e o

2004, p. 9). Depois da independência da Argélia, em 1962, a imigração argelina continua a crescer, tornando-se o maior grupo de imigrantes e/ou descendentes de imigrantes do país. Esse aumento de imigrantes argelinos, somado à falta de planejamento habitacional do governo teve como consequência o fato deles viverem em condições de habitação e de vida, miseráveis.

Assim, o governo francês estabeleceu programas sociais que visavam a construção de moradias para trabalhadores imigrantes e suas famílias, através de empresas nacionais de construção, em 1956. Boa parte dos conjuntos habitacionais que se vê atualmente nas *banlieues* foi construída nessa época (ACHRAFIEH, 2007, p. 4). Vale lembrar o fato de que os pressupostos da teoria keynesiana do Estado de bem estar social, que se tornara famosa nos países ditos desenvolvidos, depois da Segunda Guerra Mundial, estavam operando na França nesse momento. Assim, a ideia do Estado de assumir a reconstrução dos países, após sua destruição na guerra somou-se à de construção de casas para os descendentes de imigrantes.

Para os empresários a imigração era um bom negócio porque os direitos trabalhistas – que hoje são muito rigorosos na França – não estavam ainda desenvolvidos, o que lhes permitia explorar ao máximo

Egito. Eles foram conquistados durante o império árabe. Os países que fazem parte desse conjunto étnico são: Marrocos, Tunísia, Líbia, Argélia e Mauritânia. Na época do Império romano o *Magrebe* era conhecido como África menor.

os imigrantes.⁴ Mas nos anos 1970 com a diminuição do crescimento econômico, o governo adotou o mecanismo de restrição da imigração por grupo familiar e segundo demandas específicas de profissionais no mercado. Nos anos 1980 e 1990 a imigração tornou-se objeto político maior. Dessa forma, o Estado buscou rever e regularizar as leis de controle da imigração. E as situações de xenofobia, discriminação e preconceito tornaram-se mais visíveis nesse período.

Juntamente com a comunidade negra e árabe, a comunidade judaica é também um dos grupos étnico mais expressivo da França. Mas sua presença neste país não resultou do processo de imigração do século XX como no caso dos negros e árabes. Ela é fruto da diáspora dos judeus pelo mundo, no decorrer dos séculos e sua presença na Europa tem um significado e uma dimensão histórica singular, sobretudo durante a Segunda Guerra, por causa do nazismo.

Com a Vitória dos Aliados na Primeira Guerra, a Alsácia-Lorena foi reintegrada ao território francês. Cerca de 30 mil judeus

⁴ MUZARD, Paul. Histoire de l'immigration en France. In : **Collectif de Luttiens**, version 1.0 – Janeiro de 2004. Disponível em: <http://www.preavis.org/formation-mr/Luttiens/brochure_immigration_1-0.a5.pdf>. Acesso em 01 de junho de 2013. pp.8 e 10: “Os Imigrantes recrutados eram repartidos em grupos de 800 a 1000 trabalhadores conduzidos por um caminho e repartidos entre as indústrias que os requeria. Como eles não falavam francês, eram colocados em seus pescoços, uma etiqueta com o endereço de seu patrão. Esse comércio humano era muito lucrativo, uma vez que o capital da SGI passa de 3,6 milhões de francos em 1924 a 20 milhões em 1930. [...] Contratados com o salário reduzido, e demitidos/reenviados ao seu país facilmente, os imigrantes constituíam uma vantagem para as empresas.” (Tradução minha)

(grupo étnico que lutara na guerra, defendendo o país) ganham a nacionalidade francesa. Assim, no final da guerra, estima-se que na França havia cerca de 150 mil judeus. Entre a primeira e a segunda guerra a comunidade judaica da França se transformou rapidamente. Acredita-se que às vésperas da Segunda Guerra Mundial a França tinha cerca de 300 mil judeus. Atualmente sua população comporta de 530 a 550 mil, sendo a maior comunidade judaica da Europa.

A questão da identidade francesa dos descendentes de imigrantes

Como dito anteriormente, o Estado Francês é baseado em uma república laica, assimilacionista e fechada para novas mudanças culturais. Dito de outra forma, o imigrante que chega à França tem que se adequar à cultura francesa, porque os franceses já possuem um modelo de cultural e prezam pela sua manutenção.

Os imigrantes de origem latino-americana e europeia, bem como seus descendentes, não têm, a princípio, muitas dificuldades de assimilarem tal cultural porque de certa forma partilham em maior ou menor grau dela. Já os imigrantes e descendentes das ex-colônias têm mais dificuldades e até resistência em assimilar a cultura francesa. Embora tenham sido colonizados e entrado em contato com esta cultura, eles têm um sistema moral, religioso e uma forma de lidar com a realidade mais diferentes. A língua, os padrões estéticos (vestimenta),

hábitos e visão de mundo, são os elementos que distinguem uma cultura da outra.

De todos esses elementos, o esforço e falta dele no aprendizado da língua francesa é um elemento interessante e que marca muito bem o grau de assimilação da cultura francesa. A forma como os franceses, descendentes das diversas etnias falam a língua francesa não é igual; ela tem suas variações. Esses grupos étnicos podem ser divididos em dois grandes grupos: os que falam perfeitamente a língua francesa e os que embora já tenham nascido na França e pertençam à 3^o geração de imigrantes, falam a língua com um forte sotaque.

Os franceses que falam bem língua francesa são os descendentes de latino americanos e de europeus. Isso não somente porque partilham mais da cultura ocidental que os descendentes das ex-colônias, mas também porque aceitam fazer o jogo da assimilação, pois discriminação étnica é algo bem evidente na França. Talvez seja por isso que os descendentes de europeus e de latino americanos assimilam rápido a língua. O medo de ter seus filhos identificados como descendentes de imigrantes, que faziam trabalhos subalternos pode ter feito com que seus pais, outrora imigrantes, tivessem evitado ensinar sua língua aos filhos, para que esses não sofressem preconceitos. Fanon (1971, p. 14 e 15) discute o fato do imigrante ou habitante da colônia, ao chegar à França, se esforçar para falar bem o francês como forma de buscar uma aceitação social e de sofrer menos preconceitos, dada a

xenofobia francesa. Ele discute esse fenômeno sociolinguístico pensando a relação da colônia com a metrópole, mas que, segundo ele, pode ser aplicada à relação campo e cidade, capital e província. Assim, falar bem o francês e assimilar a cultura pode ser usado como mecanismo de defesa.

Já os imigrantes e descendentes de imigrantes das ex-colônias têm uma postura completamente diferente com relação ao esforço de aprender a língua francesa. Eles não têm a preocupação de ensinar o filho a falar o francês com a pronúncia considerada perfeita e alguns até ensinam seus filhos sua língua materna desde criança. Muitos têm muito orgulho de serem descendentes de suas respectivas etnias e pouco ou nenhuma identidade com a França e nem orgulho de serem francês. Isso pode ser explicado pelo fato de a relação entre ex-colonizado e colonizador ser sempre tensa, dado o sentimento de não conformidade com o passado colonial e a rechaça ao ex-colonizador; sobretudo quando a descolonização é ainda recente. Para Fanon (1971, p. 13) “falar não é apenas empregar certa sintaxe, possuir a morfologia de tal ou tal língua, mas é antes de tudo assumir uma cultura, suportar o peso de uma civilização.” (Tradução minha) E se os imigrantes das colônias são estigmatizados e não são aceitos totalmente pelo Estado francês, eles respondem da mesma maneira; e a forma de usarem a língua é algo pelo qual se pode perceber isso. Outro exemplo que se explicita bem isso é o *verlan*, que é uma maneira de falar francês que nasceu na

periferia de Paris entre os jovens nos anos 1990 e nos últimos anos vem sendo agregado ao francês convencional. Algo que serve como forma de difusão do *verlan* é o rap, que normalmente é cantado pelos jovens da periferia. (BAGHERI, 2009, pp. 6-7)

A valorização que esses imigrantes e/ou descendentes das ex-colônias fazem de sua língua e cultura é algo singular na França. Algo que é bem interessante é observar um homem e uma mulher descendentes de árabe falarem francês. As mulheres falam perfeitamente, sem sotaque e os homens falam com um sotaque mais carregado. Isso pode ser interpretado como uma maneira de dizer que eles não se dobraram totalmente à colonização. É importante saber que a cultura árabe é um pouco machista e talvez seja por isso que nos homens essa postura seja mais marcada.

Com relação à vestimenta, religião e outros hábitos culturais, muitos imigrantes e descendentes de imigrantes das ex-colônias apresentam certa resistência no processo de assimilação do Estado francês. O Estado francês tem dificuldade em assimilar os descendentes de árabes, por exemplo, primeiro porque a cultura deles é muito marcada pela religião muçulmana, e segundo porque o Estado Francês não tem a religião oficial. Assim, os árabes praticam a religião muçulmana e, muitos deles mantêm hábitos e vestimentas que remetem a práticas ligadas à religião. Algo parecido acontece com os muitos judeus.

Nos colégios, por exemplo, no período do ramadã⁵, comemoração religiosa árabe, muitas salas de aula ficam vazias porque os alunos faltam às aulas para cumprir certas obrigações dessa data religiosa. Em 2010 o então presidente da República francesa Nicolas Sarkozy, proibiu o uso da Burca e do niqab, vestimenta religiosa árabe, usada pelas mulheres praticantes dessa religião⁶. Essa foi uma das formas bem agressivas do Estado francês impor uma forma de assimilação dos muçulmanos, que são visivelmente bem numerosos no país. Porém, tal ação não corresponde à imagem de República democrática que a França vende para ao mundo. O argumento usado para sustentar essa lei foi o de que a França é uma democracia e de que com o rosto totalmente coberto, as pessoas não teriam contato e não haveria interação social, um dos princípios da República francesa.

5 Ramadã é o nono mês do calendário muçulmano. Durante esse mês os seguidores da religião muçulmana praticam o jejum e têm também algumas restrições com relação ao álcool e ao sexo.

6 Circulaire du 2 mars 2011 relative à la mise en œuvre de la loi n° 2010-1192 du 11 octobre 2010 interdisant la dissimulation du visage dans l'espace public: Legifrance, JORF n°0052 du 3 mars 2011 page 4128, texte n° 1, NOR: PRMC1106214C.

Disponível em:

<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000023654701>.

Acesso em 01 de agosto de 2013: “O Primeiro ministro ao Senhor ministro de Estado, Senhoras e senhores ministros, senhoras e senhores secretários de Estado, Senhor chefe de polícia, Senhoras e Senhores delegados, Senhores altos comissários, Senhoras e Senhores diretores gerais das agências regionais de saúde A lei n° 2010-1192 de 11 octobre 2010 que proíbe a dissimulação do rosto no espaço público marca a vontade da representação nacional de reafirmar solenemente os valores da República e as exigências do viver juntos.” (Tradução minha)

Depois desse rápido mergulho na forma singular pela qual se deu a constituição étnica e social da sociedade francesa, entremos no filme *Mon père est femme de ménage*, para verificar como se dão as relações étnico-raciais explicitadas no filme. Atualmente nas Ciências Sociais e Humanas algumas discussões têm buscado ter um caráter interdisciplinar. O pesquisador que se dispõe a estar atento a essa nova realidade tornar suas análises mais ricas e mais completas. A análise de filmes exige isso do pesquisador, porque eles são elaborados por diferentes autores, comportam diferentes propostas e diversos olhares. Tendo em vista tudo isso, busca-se nessa análise evidenciar as relações étnico-raciais na escola como uma reprodução do mundo adulto, mas se busca considerar também na análise, as relações de classe e de gênero, dando uma ênfase maior no aspecto étnico-racial. Isso porque esse filme é feito por uma franco-marroquina e também, considerando o fato de que a França é um país que apresenta uma diversidade étnico-racial bem maior do que se imagina.

Raça, classe e gênero no filme “Meu pai é uma diarista”

Como dito acima, esse filme é uma adaptação do romance escrito também por Saphia Azzeddine em 2009. Em entrevista dada ao Cine Zooms e ao Cine Alliance, ela diz que o romance fora inspirado em muitas coisas que ela vivera na França durante a sua infância e na

sua relação com seu pai. Segundo Azzeddine, *Michel* (pai de Polo) é inspirado em seu pai e o *Polo* é também inspirado nela, mesmo que seu pai não tenha sido diarista, mas costureiro.

Piadas, ditados e concepções de mundo enquanto demarcadores de lugares sociais das diferentes etnias na França

Polo é adolescente de 14 anos que estuda num colégio da periferia (*banlieue*) onde mora. Nesse colégio, boa parte dos alunos são de etnias diferentes e seus 3 melhores amigos são de três etnias estereotipadas. Um é descendente de judeus, *Rudy* (Jules Sitruk); outro é descendente de africanos negros, *Jérôme* (Franck Keïta); e outro terceiro é descendente de africanos marroquinos, *Marwan* (Aïmen Derriachi), considerado como fazendo parte dos filhos de imigrantes árabes. É importante ressaltar que mesmo estando para além da terceira ou quarta geração de imigrantes estabelecidos no país, tais franceses são ainda tratados como árabes, negros, judeus, e não como franceses no sentido mais absoluto do termo.

No filme há um fundo de “vivemos a harmonia étnico-racial” e isso se explicita na diversidade étnico-racial presente na escola de *Polo*, no trabalho de seu pai, na predileção musical (músicas cantadas por descendentes de árabes e africanos negros) de sua irmã *Alexandra* (Alison Wheeler) e no conjunto habitacional em que *Polo* e seus amigos

moram. Mas de tempos em tempos percebe-se que os conflitos raciais aparecem em forma de brincadeira entre seus 3 amigos, ou por comentários do se pai.

Quando *Polo* e seus três amigos estão voltando da escola, eles falam das profissões que desejam seguir e fazem entre si, brincadeiras estereotipadas com relação aos negros, aos árabes e aos judeus. Em uma dessas brincadeiras eles “tiram sarro de *Polo*”, dizendo que ele não será mais que faxineiro, como seu pai. *Jérôme* diz a *Rudy* que ele não será mais que um ser comerciante como todos da raça dele (judeus). *Rudy* diz a *Jérôme* que os negros vivem falando das coisas legais da África, mas nunca retornam para lá e desempenham os trabalhos menos remunerados na França e o chama de *sale négro* (negro filho da mãe); e ambos “saem nos tapas”. Em outro momento, eles contam entre si piadas sobre judeus, negros e árabes. A piada sobre os árabes contada “tira sarro” do forte acento dos árabes e do fato de não terem profissão certa. A piada sobre os judeus *Jérôme* diz: “Qual a diferença entre um judeu e uma pizza? Nunca se viu uma pizza bater na porta do forno” - Remetendo ao período em que os judeus eram queimados nos fornos nazistas. A piada que *Ruby* contada sobre os negros é a seguinte: “Quanto tempo uma mulher negra demora a colocar o lixo para fora? Nove meses”.

Nessas piadas os judeus são vistos como essencialmente comerciantes, os árabes como comerciantes que têm um forte acento e

os negros, como aqueles sem profissão, sem futuro e que desempenham qualquer trabalho, e como lixo. Tais piadas e brincadeiras evidenciam o fato de que embora sejam estigmatizados pela sua etnia e reivindiquem um lugar melhor na sociedade francesa, falta um pouco mais de união entre essas minorias para reivindicar isto. Embora pareça inofensiva, a brincadeira é uma forma dissimulada deles legitimarem o discurso estereotipador sobre si mesmos.

A estrutura do preconceito racial⁷ é algo tão bem construído que as próprias etnias discriminadas se discriminam entre si, legitimando o discurso racista francês, que diferente do Brasil, por exemplo, se estende à etnia, mas não à cor da pele, mas tem um peso bem maior sobre os negros africanos, que fazem parte da etnia mais estereotipada. Porque os marroquinos também são africanos, mas são mais brancos, ou menos negros, e as piadas sobre eles são menos agressivas.

Não se pode afirmar, mas pode-se imaginar que num contexto mais intercontinental, a condição de ser negro, continua a ser igual em todos ou na maioria dos lugares em que a cultura ocidental chegou. A ideia de que a África (sobretudo a África negra) é o continente acéfalo - sem iniciativa histórica - criada pelos pensadores europeus, sobretudo

⁷ Já é um consenso entre os intelectuais que estudam as relações étnico-raciais, que raça não existe, mas sim, a humanidade nas suas diversidades étnicas. Contudo, algumas expressões como “preconceito racial”, “injúria racial” continuam a ser usadas na sociedade brasileira. Assim, em algumas partes do texto optei por usar a palavra racial sem estar precedida da palavra “étno” ou “étnico”.

franceses e alemães como, Hegel, Heidegger, Victor Hugo, e a introjeção desse estereótipo faz com que os negros, muitas vezes tomam como verdade a condição de estar na parte mais baixa da hierarquia estabelecida mundialmente sobre dos grupos étnicos ou étnico-raciais. (KNOLO, 2013, p. 178)

A ideia de que os negros são inferiores aos brancos acaba aparecendo nessas cenas das piadas. A piada mostra a materialização dessa construção social feita no século XIX, do lugar do negro segundo a sociedade ocidental. E esteja o africano (ou descendente de africano) em qualquer lugar do mundo, ele fica no lugar mais baixo da hierarquia das raças. É como se ele fosse um polo e o branco outro polo e as diferentes etnias fossem só intermediários. Para Gilroy (2001, p. 20) é o racismo que faz com que os negros acreditem nessa sua suposta falta de iniciativa histórica.

A cena em que o pai de *Polo*, *Michel* (François Cluzet) vai buscá-lo na escola evidencia também, agora do ponto de vista dos adultos, como os descendentes de imigrante são vistos pela sociedade francesa. *Polo* diz que não precisa ir à reunião de pais porque nenhum dos pais (homens) vai; inclusive os pais dos seus amigos já haviam ido embora. Seu pai lhe responde: “Você já viu árabes, negros e judeus seremos professores? Eles não estão aí pra nada. Não são bons exemplos a se seguir” (Tradução minha). Isso mostra que a harmonia pode existir até certo nível da convivência entre franceses de diferentes

etnias, mas os estereótipos persistem. Esses estereótipos da sociedade francesa se reproduzem desde cedo na família e na escola (duas instituições que atuam nos primeiros anos da formação) sobre o lugar reservado nesta sociedade para cada etnia e essas três etnias são as mais estereotipadas. Talvez isso explique porque imigrantes latino-americanos e europeus tendem a se assimilarem mais rapidamente, evitando mesmo a ensinar seu idioma aos filhos.

A composição étnica da escola evidencia também algo interessante. As duas únicas professoras que aparecem no filme são brancas, bem como o diretor. Em outros filmes franceses se vê a mesma coisa, são professores brancos que vão educar alunos de diversas etnias. Melhor dizendo, é uma França branca que vai educar uma França multirracial - etnocentrismo. Se o aluno não tem a sua etnia ou as demais representada no quadro docente ele não se imagina ocupando esse posto ou outros parecidos futuramente, por falta de referências de pessoas de sua etnia ocupando tal cargo.

Jérôme por exemplo, não se incomoda com as notas baixas que tirou nos exames finais e diz que quer ser cantor de rap, como os negros franceses que ele conhece. Se o aluno negro vê pessoas negras tendo sucesso apenas na carreira artística como cantores ou atores, as probabilidades dele querer seguir o mesmo caminho são muito grandes. É como se o lugar reservado para os negros na sociedade francesa fosse apenas o meio artístico. Inclusive, ao terminarem o ensino médio,

apenas *Polo* continua a estudar. *Marwan* se insere no mercado de trabalho como eletricista de jardim. Sobre *Rudy* não fica evidente se ele se inseriu no mercado de trabalho ou não. *Jérôme* é colocado como o que está sonhando ainda em ser cantor de rap. Esse desfecho do filme nos leva a questionar sobre qual é o lugar reservado para os descendentes de negros, árabes e judeus na sociedade francesa.

O filme evidencia somente a preocupação de *Polo* e de sua família, mesmo com suas limitações, com o investimento financeiro (não muito grande) e educacional em seu futuro profissional que o leve mudar de status social. No fim do filme ao conseguir “vencer na vida” a primeira coisa que é mostrada é *Polo* de posse de um carro e não morando mais na periferia. É como se para um francês branco, a periferia (na *banlieue*) fosse um lugar para se viver por falta de opção, por não se ter obtido um sucesso na vida profissional. Isso fica bem evidente quando *Michel*, pai de *Polo*, diz para ele estudar latim e fazer uma faculdade para não terminar como ele. Ele diz: “Você olha mais para o chão do que para o alto e isso [estudar] te impedirá de caminhar na merda” (tradução minha). É como se o trabalho de limpeza e outros trabalhos de pessoas que não estudaram muito fossem tarefas realizadas por pessoas que não tiveram sucesso na vida. Isso tira a dignidade do trabalho e da pessoa que o realiza.

O Sucesso ou insucesso dos amigos de *Polo* nem é muito evidenciado ou explicitado. É como se fosse natural que seus três

colegas de etnias diferentes (não brancos) e moradores da periferia, não seguissem nos estudos e ocupassem profissões de menos destaque na sociedade francesa. Assim, nessa lógica, ele seria na infância e adolescência o francês que deu errado, mas que se redimiou, porque o seu lugar é no centro e não na periferia – no centro da vida econômica social e política de Paris. Seus amigos, nessa mesma lógica, são os franceses que deram certo, segundo as expectativas da sociedade, porque estudaram alguns anos e encontram algum trabalho, para ganhar algum dinheiro, e viver algum tipo de vida. Na cena acima citada em que o pai de Polo diz que “árabes, negros e judeus não são bons exemplos a seguir porque eles não se interessam por nada” (tradução minha), ele está legitimando o que aparece evidente no filme: existe um lugar já socialmente predeterminado para cada etnia na sociedade francesa, e espera-se que eles os ocupem.

Diferenças de classe social, um problema para *polo* e seu pai

O fato de *Polo* ter um pai que é faxineiro o coloca diante de muitas situações de constrangimento. Ele tem dificuldade de sair com a menina que gosta, *Priscila* (Barbara Probst), porque ela é de classe média, mora no centro de Paris e ele é pobre e mora na periferia. No restaurante é evidente também o constrangimento quando seu pai diz que trabalha na empresa de limpeza. Normalmente nas empresas de

limpeza trabalham mulheres e/ou descendentes de imigrantes. Ter como pai alguém que realiza um trabalho que paga pouco e que normalmente é feito por mulheres é algo desconcertante em uma sociedade capitalista em que se tem que se mostrar pelo que se é, pelo quanto se ganha e pela profissão que realiza.

Na escola quando que dizer o lugar onde o pai trabalha, há também certo constrangimento da parte de Polo, maximizado pelas brincadeiras que seus amigos fazem, dizendo que seu pai faz trabalho de mulher. Algo que também é constrangedor para ele, é o fato de seu pai trabalha para uma empresa de limpeza do pai de uma de suas colegas de aula. Há um elemento de gênero que pode ser pensando, que é o constrangimento de fazer um trabalho que é considerado feminino e um elemento social, que é fazer um trabalho que é considerado trabalho de imigrante.

O fato de trabalhar em uma profissão tida socialmente como subalterna faz com que o pai de Polo carregue esse estigma para os demais espaços públicos que ele frequente. Na reunião de pais, há uma situação em que ele escreve na mão coisas que acha interessante dizer, mas fica constrangido de dizê-lo, porque se sente inferiorizado. No caminho de volta para casa, no metrô, ele diz tais coisas ao filho, que o pergunta porque ele não dissera tais coisas na reunião de pais e mães. A introjeção da ideia de que pessoas pobres não têm muita formação e, portanto, não têm algo interessante a dizer sobre o mundo, o faz agir

dessa forma. Se dentro de casa ele é o provedor da família, um herói para o filho, fora de casa ele é alguém pobre e sem muita formação.

A invisibilização das mulheres na trama

A trama traz uma mescla classe/raça evidenciada em todo o filme, mas intencionalmente ou não, há elementos também de gênero que aparecem evidentemente. Por exemplo, o fato de *Michel*, que faz dupla jornada (trabalha fora de casa e realiza as tarefas domésticas), ser tido como herói enquanto a esposa e a filha são invisibilizadas e tratadas como fúteis e não inteligentes na trama. O próprio nome do filme, “Meu pai é uma diarista” já implica em uma chamada para pensar questões de gênero também.

Suzanne (Nanou Garcia), a mãe de *Polo*, está doente e de cama, o que a deixa impossibilitada de trabalhar ou de fazer as atividades domésticas. Ela passa o tempo todo no quarto assistindo televisão. Então, *Polo* tem o pai como principal referência. Além de trabalhar e ser o chefe daquela família, ao chegar em casa ele ainda faz as atividades domésticas (dupla jornada). *Michel* é tido por *Polo* como um herói por causa disso e o filme o coloca assim. Mas é interessante pensar que as mulheres têm tido dupla jornada há um bom tempo, e nem por isso são consideradas heroínas, na maioria das vezes. A dupla jornada faz parte de suas vidas desde muito tempo.

Já a irmã mais velha de *Polo*, *Alexandra* apresentada no filme como não muito inteligente. Ela não consegue saber o significado de palavras que normalmente não são muito difíceis e só pensa em concorrer ao concurso de miss de sua escola, enfim, alguém que só pensa em coisas consideradas fúteis. *Polo* chega mesmo a ensinar-lhe uma palavra errada para o concurso, o que a faz perder a prova por dizer uma palavra sem nexo, durante sua apresentação no concurso. E quando *Michel* leva *Polo* ao banco para lhe dizer que juntou durante anos uma soma de dinheiro para seus estudos, ele comenta que havia feito uma poupança para ele e outra para sua irmã, mas como ela não tinha vocação para os estudos, todo o dinheiro ficou para ele. Assim, as mulheres são de um modo geral, invisibilizadas nesse filme. É um filme sobre a história de um pai e um filho, e tanto a mãe de *Polo* quanto sua irmã, não são protagonistas de nada. A irmã deu seu amigo marroquino, *Kastriot*, a menina que ele gosta, *Priscilla* e as demais mulheres do filme não são protagonistas de nenhuma cena importante - são invisibilizadas.

Embora o pai de *Polo* não tenha muitos recursos financeiros, ele fala-lhe da importância de estudar outro idioma (apesar de achar que é interessante estudar o latim) e compra para ele um papel de parede sobre livros. Trazer pra dentro de casa a ideia do livro já é um bom começo. Já sua mãe busca ensinar-lhe maneiras distintas de falar que

ela ouve na televisão. Se ele traz a referência da intelectualidade (livros), ela traz a referência do senso comum (televisão).

Conclusão

Mon père est femme de ménage é uma comédia que aborda as questões étnico-raciais da França de forma não muito direta e conflituosa, mas minimamente dá indícios de como são tais questões neste país. Os grupos estereotipados e mais discriminados são os negros árabes e judeus – eles são o outro dentro do próprio país. Essa discriminação dos três grupos vem exatamente do fato deles não se disporem a assimilar totalmente cultura francesa. A discriminação contra os negros tem sua singularidade uma vez que é semelhante ao que acontecem em outras sociedades (indo para além da relação étnico-racial francês branco e francês descendente de colônia africana), ele é tido como fazendo parte da etnia que está na escala mais baixa que as demais etnias.

O foco do filme são os conflitos vividos por *Polo* na adolescência, um garoto pobre que mora na periferia, lugar em que normalmente moram os descendentes de imigrantes. Mas é na sua relação com seus amigos da periferia, de etnias estereotipadas que se evidenciam as relações étnico-raciais da sociedade francesa. Ele é o francês branco que deu errado nos primeiros anos de vida, mas que

busca o sucesso profissional visando sair da periferia. No final do filme ele se redime tendo estudando e adquirido um bom emprego e indo morar no centro e seus amigos de etnias diferentes não têm esse mesmo percurso de vida. Esse final do filme mostra que existe um lugar para cada etnia na sociedade francesa e o sentimento de deslocamento de *Polo* é um indício disso; pois o lugar dele enquanto branco não é na periferia. Da mesma forma, a não preocupação de seu amigo negro *Jérôme*, com as notas baixas do colégio porque ele não quer estudar e sim, ser cantor de rap, evidencia essa conformação com o lugar que a sociedade lhe reservou. Bem como o fato de *Marwan* e *Rudy* não terem seguido os estudos e não terem se ascendido social e economicamente, são indícios disso também.

Referências

ACHRAFIEH, Alexandre. Histoire des banlieues populaires : L'Etat, la classe ouvrière et les "cités-ghettos" In: Revue Socialisme, dossier Banlieue et lutte de classes, n° 17/18, Janeiro de 2007. Disponível em: <<http://revuesocialisme.pagesperso-orange.fr/s17alex.html>>. Acesso em: 02 de junho de 2013.

Interviewe de la réalisatrice Saphia Azzedine. You tube. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=t4roWtQvXhE&NR=1&feature=endscreen>>. Acessado em 01 de maio de 2013.

BAGHERI, Tahereh Khameneh. Étude sur la formation du verlan dans la langue française. **Langue française**. Pazhuhesh-e Zabanha-ye Khareji, No. 53, Spécial Issue, French, 2009, pp. 5-21. Disponível em: <http://www.languefrancaise.net/docs/uploads/Argot/Stock/etude_formation_verlan_Khamane_Bagheri.pdf>. Acesso em: 12 de agosto de 2013.

BLANCHETON, Bertrand, SCARABELLO, Jérôme, "L'immigration italienne en France entre 1870 et 1914". Cahiers du Grétha, n°2010-13, 2010, Disponível em: <<http://cahiersdugretha.u-bordeaux4.fr/2010/2010-13.pdf>>. Acesso em : 04 de agosto de 2013.

Circulaire du 2 mars 2011 relative à la mise en œuvre de la loi n° 2010-1192 du 11 octobre 2010 interdisant la dissimulation du visage dans l'espace public: Legifrance, JORF n°0052 du 3 mars 2011 page 4128, texte n° 1, NOR: PRMC1106214C. Disponível em: <<http://www.legifrance.gouv.fr/affichTexte.do?cidTexte=JORFTEXT000023654701>>. Acesso em 01 de agosto de 2013.

FANON, Frantz. **Peau noire, masques blancs**. Paris: Éditions du Seuil, Collection le Point. 1971.

GABIZON, Cécilia. Sarkozy: «La burqa n'est pas la bienvenue». In : **Le Figaro**. 23/06/2009. Disponível em: <<http://www.lefigaro.fr/politique/2009/06/23/01002-20090623ARTFIG00055-sarkozy-la-burqa-n-est-pas-la-bienvenue.php>>. Acesso em: 25 de julho de 2013.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro**: Modernidade e dupla consciência (Trad.: Cid Knipel Moreira). São Paulo: Editora 34, 2001.

Interview de la réalisatrice Saphia Azzeddine. In: **Critikat**. Disponível em: <<http://www.critikat.com/Mon-pere-est-femme-de-menage.html>>. Acesso em: 01 de maio de 2013

KNOLO, Foé. África em diálogo, África em autoquestionamento: universalismo ou provincialismo? “Acomodação de Atlanta” ou iniciativa histórica? (Trad.: Roberto Jardim da Silva). **Educação em Revista**, vol. 47, nº1 jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/educar/issue/current/showToc>>. Acesso em: 25 de maio de 2013.

MUZARD, Paul. Histoire de l’immigration en France. In : **Collectif de Luttins**, version 1.0 – Janeiro de 2004. Disponível em:<http://www.preavis.org/formation-mr/Luttins/brochure_immigration_1-0.a5.pdf>. Acesso em: 01 de junho de 2013.

Population immigrée : Qui et combien ? Histoire et origines, vie familiale. In: **Institut National de la statistique et des études économiques**. Edição 2005. Disponível em: <http://www.insee.fr/fr/ffc/docs_ffc/ref/IMMFRA05d.PDF>. Acesso em: 13 de julho de 2013.